

NOVEMBRO

# O RISO

Nº  
79

*ML*

Pre  
\$20

*ML*



BON & CA

## ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos, (3. <sup>a</sup> serie)	1\$000
A Família Beltrão. . .	1\$500
O Chamisco	1\$500
Entra, Senhor !..	1\$500
Variações d'Amor.	\$800
Comichões... .	\$800
Horas de Recreio	\$600

## BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um. . . . .	200 réis
Seis.. . . .	1\$000 >
Pelo correio. . . . .	1\$500 >

**O CHAMISCO** ou *O querido das mulheres*  
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

*6 sensacional romance de actualidade*

# ENTRA, SENHÓR!...

*cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.*

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



Semanario artistico e humoristico

NUM. 79

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



### CRONIQUETA

*A tout seigneur...* O primeiro logar cabe hoje de direito á data da proclamação da Republica, que se comemorou, si não nos enganámos, a 15 do corrente, dia esse em que a pobrezinha colheu «mais uma flor no jardim da sua precioza existencia»...

Precioza?... Coitadinha dela, que apezar dos seus 23 anos já tem comido o pão que o diabo amassou e tem tragado mais fel do que cachaça tem injerido qualquer *pau d'agua* inveterado!... Também, coitadinha, não encontra quem lhe dê o trato necessario. Quasi não tem tido sinão uns padrastos que lhe

não ligam a minima importancia e apénas se servem dela para fazer figurações...

Emfim, pôde muito bem ser que lhe estejam reservados melhores dias... para depois de velha. Por ora é o que se vê: cuida-se de *tudo*... menos do seu bem estar; mesmo porque, o bem estar da Republica não é coisa que mereça cuidados; ela que se arranje, como se *arranjam* os que têm o dever de cuidar dela...

Pobre Republica! tão joven e tão esbodegada!...

\* \* \*

O sr. Boato andou também fazendo das suas durante a semana, e ia arranjando uma *encrenca* dos diabos com os nossos colegas *Correio da Manhã* e *Gazeta de Noticias*, que, por terem de bôa fé transmittido aos seus leitores a noticia de uma suposta revolta da Armada, viram as coisas pretas e estiveram ameaçados de rôlha...

Mas, onde estamos nós, afinal, que já não pôde um jornal trazer á publicidade qualquer coisa de que se suspeite, sob pena de ver a redação invadida e ameaçados os seus redatores?

O melhor é a gente calar-se, porque já o conselheiro Accacio dizia que do melão o melhor é o calado...

\* \* \*

Interessante o caso daquela mocinha que andou tres dias vestida de homem a correr a cidade, procurando por esse modo fugir aos mãos tratos do padrasto.

O caso é realmente interessante pelas peripecias porque passou a rapariga, inclusive aquela do convite que lhe fez a italiana, para que fosse para uma janela da rua da Conceição... Mas não foi ainda esta a principal das peripecias; a melhor foi sem duvida a declaração de amor que por meio de uma cartinha lhe fez a lavadeira que havia arranjado de

# O Riso

vespera e que até se propunha a lavar-lhe a roupa de graça, contando que correspondesse ao seu amor!...

Havia de ter muita graça si a rapariga, perdão, si o *rapaz*, não tendo ainda quarto alugado, fosse abordado por algum dos inumeros e ferozes Gouveias que por ahi andam, e que o levasse a dormir a uma Hospedaria qualquer...

Que perigo, leitor! nem é bom falar nisso, e por felicidade da pequena foi ela descoberta a tempo de se lhe evitar, talvez, uma *avaría grossa*...

\* \* \*

Mais uma *fita* de puxadela de revólver, além de outras também interessantes, foi desenrolada numa das ultimas sessões da Camara, cabendo desta vez ao deputado Moreira da Rocha fazer de Max Linder...

Esta foi uma; agora a outra, intitulada — «Venha cá para fóra, cachorro» — foi também interessantissima e teve por interprete o joven e fogozo deputado Flores da Cunha, que por sinal é riograndense do sul, mas que está emprestado ao Ceará... que tem sido a causa dessas muito orijinais ezibições cinematograficas.

A' vista disto não está fóra de propozito a apresentação daquele projeto do deputado Irineu, creando «uma escola de tiro e esgrima anexa á Camara,» para cuja escola já um professor da materia se apresentou candidato. Parece brincadeira mas é a pura verdade!

Bem diz o deputado Mauricio de Lacerda que «estão *prostituinto* o Parlamento!...»

\* \* \*

O povinho do jogo andou meio sarpantado com a campanha que o Chefe pretendeu iniciar, contra o pano verde, mas que, por motivo de força maior... teve de sustar, deixando tudo como dantes no quartel d'Abrantes...

E foi melhor assim, porque afinal, que diabo! cada qual pôde fazer o que muito bem quizer do dinheiro que tiver (até falei por rima) e, nesse caso, tanto pôde um cidadão fazer a sua fézinha num modesto gasparinho da loteria, como pôde arriscal-o na roleta, no «bacarat», no bicho ou na zorra...

Cá o dégas, por ezemplo, só faz fé no bicho; nada de roletas, dados ou jogos adjacentes; agora, no bicho sim, no bicho eu sou um batuta, mórmente quando tenho fé no cachorro; ah! isso então é que é um pavor: empurro tudo no cachorro... e não estou sabendo si

são cinco, dez ou vinte mil réis que tenho que despender com a brincadeira...

Foi portanto uma boa idéa a do dr. Chefe em sustar a campanha contra o jogo; e si s. ex. não levar a mal, lembramos-lhe que ha uma campanha mais urgente a fazer: a campanha contra os gatunos, que até já estão debochando da corporação de que s. ex. é digno chefe.

Deiró Junior



## «COMEDIA»

Sob a competente direcção de João Claudío e J. Ozorio, dois perfeitos conhecedores da materia, acaba de apparecer um novo semanario cujo titulo encima estas linhas e cujo 1.º numero temos sobre a mesa.

A «Comedia», como é bem de ver, destina-se a tratar das coisas do nosso theatro e deve, por isso mesmo, fazer uma longa e brilhante carreira.

Muito gratos pela visita.



Um gordo senhor, no Palace-Theatre, diz a uma dama, que está no camarote ao seu lado:

— Juro que te amarei toda a minha vida.

— Toda! E' demais! Bastaria uma noite.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS  
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO

# O Riso

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para  
"O RISO"

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares

Numero avulso.. 200 réis  
Nos Estados..... 300 réis  
Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital.. ... 10\$000  
Exterior.. .... 12\$000

## O brinde da noiva

Ainda sinto saudades dos tempos em que vivi na Villa do Buraco meu estado natal, desfructando a doçura dos prazeres que se goza na roça, e onde tudo é puro e simples como a pureza sublime das nuvens.

Foi lá nessa Villa encantadora, que passei a melhor quadra da minha existencia, gozando os encantamentos da vida, no delirio dos sonhos da minha mocidade.

Pois bem; foi ali nessa paragem poetica da minha terra amada e saudosa, que o Vicente, um caipira furnido, bello, trabalhador tenaz e «Feitor do Engenho» do Sr. Coronel Totonho das Aguas Brancas, contratou casamento com a Philomena, uma formosa camponeza do logar, filha do plantador Simplicio do Brejo Grande, cidade vizinha a do Buraco.

Ora, depois de tudo prompto, o vestido da noiva, roupa do noivo, os papeis, o dote e o resto dos «arranjos» para o casorio, realisaram-se as bodas, cuja «festa» retumbou por toda a vizinhança.

Nesse dia, o povo todo do «Buraco» estava contente, porque, tanto o Vicente como a Philomena eram estimados e queridos; por isso, a festa correu na melhor ordem possivel. Houve dânsas, cantigas, batuques, «desafio» de cantadores e o diabo a quatro.

Mataram tres novilhos, dois carneiros, perús, gallinhas e seis leitões, afóra a grande quantidade de «caça» que havia para a composição do banquete de noivado.

A' hora da «boia» todos rodearam a mesa e cada um tomou o seu logar. Já ia em meio o jantar, quando, depois de alguns brindes feitos pelos commensaes, a noiva levantou-se e pediu a palavra:

—Eu fico muito obrigada a vosmecês todos. Não sei de que maneira possa agradecerê. O meu marido e eu, tamo muito sastifeito, pruiço, eu vou concruir dizendo uma sodação:

Viva Vicente meu noivo  
Mais o povo aqui perzente.  
Viva o povo do «Buraco»  
Viva o «Buraco» da gente.

SEVETSE.



Ella — Sabe porque gostei de ti? por que me disseram que és um perfeito cavalleiro e montas bem que faz gosto...

## ALBUM III SÉRIE

A mais recommendavel collecção de raridades. Os mais arrojados e os mais violentos golpes de lucta romana. Tudo quanto ha de mais instructivo.

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO 99

Telep 3803 —o— RIO DE JANEIRO



# O Riso

## Tenho nariz!...

Um nariz, quando limpo internamente, é orgam de accusações. Por suas finas membranas sóbe, devido ao olfacto, o cheiro das coisas agradaveis e desagradaveis.

Ha *beques* tão apurados que, mesmo a certa distancia do objectivo, percebem logo as exhalações.

Theodoro Coruja, possuidor de um respeitavel nariz, attenta a tua dimensão, distrahia-se constantemente com as aspirações e respirações.

Casado com uma senhora que podia ser sua filha, não se incomodava com o que ella dizia. D. Rosina, no entanto, aborrecia-se todas as vezes que necessitava recriminar o marido, quer estivessem a sós, quer na presença de pessoas de sua intimidade.

Um dia, depois do almoço, travou-se o seguinte dialogo :

— Coruja, precisas deixar este mau costume.

— Mau costume, como, filhinha ?

— Ora, faça-se de inconsciente. Aca- bou de tirar o palito da bocca e levou-o ao nariz.

— Preciava fazer uma sondagem num mollar que está furado para reconhecer si a alimentação nelle recolhida não entrou ainda em decomposição.

— Mas isto assim não te fica bem.

— Filhinha, si eu tenho nariz é...

Eu tambem o tenho, atalhou Rosina, e nem por isso faço a figura ridicula a que te prestas.

— Talvez que o teu *ventilador* nasal não esteja tão bem preparado como o meu.

— Já tardava tal resposta! exclamou Rosina com as faces incendidas.

— Não te agastes, filhinha, não te agastes. O olfacto, como sabeis, é de uma delicadeza a toda a prova e, assim como nos delicia as ventas, occasiões ha que as offende, absorvendo certas *pitadas*...

— Sim, mas ninguem faz o que tu praticas. Olha, chama-se a isto — falta de chá em pequeno.

— Seja o que for, filhinha, ninguem tem o direito de coagir o meu nariz. Hei de fazer uso delle emquanto vivo fôr e tiver sensações!

— E eu não estou mais disposta a atural-o nas continuas *cheiradellas*.

Emquanto Rosina se dirigia para o interior da casa, Coruja tratava de tomar um *bond* com destino á cidade, pois tinha urgencia de receber os jures de umas aplices.

Seriam 4 horas da tarde quando regressou, encontrando Rosina a costurar.

— Lembrei-me de ti, filhinha, e aqui trago-te uns doces que comprei a uma bahiana.

Oh! Coruja, sou doida por uma queijadinha! E poz-se a comela.

— E eu, gosto de um pé de moleque descascado, disse Coruja, chegando-o ao nariz antes de trincal-o.

— Ahi vens tu com o vezo.

— Não é, filhinha, preciso saturar a ponta do *beque* do cheirinho de amendoim. Sabes que a estimulação obriga a gente ás vezes a commetter violencias...

Rosina, suffocando uma gargalhada, offereceu ao marido uma cocada escura.

— Não, filhinha, este doce dá idéa de um despacho de sahida.

— Comh assim? perguntou Rosina.

— Quando uma pessoa q er se ver livre de um criado que o está aborrecendo, diz: — Puxa, puxa para dentro.

— Estás enganado. O teu puxa é mais vagaroso no dizer, porque obedece a uma simples virgula; ao passo que o o puxa-puxa de que te falo, pronuncia-se mais ligeiro e dá idéa de haver parentesco entre si pelo traço de união.

— Tens umas explicações, filhinha, que me põem a cabeça molle...

.....  
A's 6 horas foi servido o jantar.

— A sopa, dizia Coruja, parece estar bôa.

— E' de camarões, respondeu Rosina; está aos teus desejos.

— A nossa cozinheira trabalha bem.

E cortando um pedaço de pão, consultou o nariz antes de comel-o.

— Coruja, deixa de uma vez para sempre este vicio de cheirar.

— Tenho nariz, filhinha, e o pão não se pôde tragar — é feito com farinha mofada.

— Prova, mas não cheira! exclamou Rosina.

Durante o resto da refeição ainda resingavam.

No dia seguinte, logo pela manhã, Rosina foi encontrar o marido com o nariz collado ao buraco da fechadura de uma porta.

— Que estás ahi fazendo, Coruja? interrogou Rosina, franzindo o sobr'olho.

Estou absorvendo as emanções odoriferas que vêm deste quarto.

— E não sabes quem nelle dorme?

— Sei que são as criadas.

— Então?

— Então? São flores que devem exis-



tir ahí dentro.

— Flores? Pois as criadas são flores, seu Coruja?

— Não é isto, filhinha. Flores da terra que aromatisam o ambiente. Eu tenho nariz! Olá si tenho!

Effectivamente, aberta a porta do quarto, foi encontrado um ramalhete de violetas que uma das criadas tinha comprado.

— E agora, exclamava Coruja, tenho ou não razão quando digo que ainda tenho sensações no nariz!?

— Tens, respondeu Rosina; mas nunca mais te adeantes no cheiro... porque é sempre bom salvar as apparencias.

### Rocha-Pau



O presbytero Ottoni classificou como logradouros indecentes as seguintes praças: Canpo de Sant-Anna, Praça Tiradentes e Largo do Paço, Passeio Publico e todos os cemiterios.

E sabem os leitores porque? porque ha estatuas núas.

Esse zinho vae pr'o céo, não ha duvida! Bemaventurados...



### TUDO PASSA

Quem pudera dizer, quando te vira Louca por mim, cantando teus amores, Hoje contar da ingratição as dores. Que sofre um coração quando delira.

Eras minha somente; a minha lyra Sublime com seus cantos seductores Jamais amor, teu coração sentira, Cheio de vida, cheio de fulgores.

Orgulhosa vivias, exclamavas: — Sem ti viver não posso meu amado... Triste, enquanto eu, coitado acreditava.

Hoje nada recordas, quem pudera Saber que aquelle amor assignalado, Era tudo illusão, tudo chimera!...

### Dom Perninhas



#### ALBUM IV SÉRIE

A' VENDA

Detalhada collecção de vistas dos paizes mais adiantados do mundo. Lindas photographias do inferno, tiradas do natural.

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C.—RUA ROSARIO, 99  
Telep. 3803—RIO DE JANEIRO

### O padrinho

Durante os tempos da minha desregrada bohemia, dei-me muito com o Mattos que vivia com a Adelia. O Mattos, com quanto bom rapaz, não tinha officio nem beneficio; e, ao que pude saber, vivia do jogo. Era *croupier*, pagador ou coisa que o valha. Indifferente como eu era, não se me dava aceitar-lhe favores e frequentar-lhe a casa.

A Adelia, que era um bem bom petisco, fazia-me muita festa, mas, como sempre tive como virtude maxima a lealdade, nunca fui adiante de algumas palavras maliciosas.

Mattos parecia não se incomodar muito que a Adelia lhe fosse fiel. Julguei que a tinha mais por commodidade de vida e por jactancia sobre os da sua roda que mesmo por affeição, amôr ou coisa que o valha. Um dia elle disse:

— Silva, porque não te arranjas com uma mulherzinha.

— Qual, meu caro! Homens como eu, quando se juntam a mulheres é segundo todas as regras e para o resto da vida.

— Mas, tu és bohemio... Como é isto?

— Simples. Amo a independencia e só faria sacrificio della, sacrificando-a á mulher em penhor de sua fidelidade della. O meu orgulho...

— Casamento! Arranjado é melhor... Ao menos são de tarracha...

Ainda conversamos a respeito e sem resultado. Cada um ficou com a sua opinião e não brigamos.

Certa occasião, estando a tomar cerveja com o Flores, appareceu-me o Mattos, a quem apresentei o amante de Adelia.

Ambos sympathizaram e dahi em diante sós via juntos. Mattos mesmo procurava-me pouco. Não me aborreci e vim a saber o motivo de tão estranhada amizade: Flores era tambem amante de Adelia.

Em começo, julguei que ambos custeassem-na; mas, certifiquei-me de que era só Mattos e Flores enganava-o abominavelmente.

Nada disse e foi com rara surpresa que, uma tarde, dando de cara com o Mattos, elle me disse á queima roupa:

— Sabes, Silva? Vou casar-me.

— Parabens. Com quem?

— Com a Adelia. Vivo comella ha vou muitos annos, ella me tem sido fiel e esperar a morte ao lado della, levando uma vida honesta. Estou empregado... Queres ser a minha segunda testemunha?

— Aceito. Quem é a primeira?

— Quem havia de ser? O Flores que tem sido um grande camarada meu. **Olé.**

# O Piso

## Conto

(Conclusão)

.....  
O desconhecido que havia apparecido no engenho, após longa palestra com o senhor do dito não era outro senão o doutor Pedro. Reconhecido pelo senhor de engenho, como sendo seu irmão, foi logo convidado a passar algumas horas em casa, em uma grande casa de estylo antigo.

Reconhecido que foi, appareceram os filhos do senhor de engenho que, logo que souberam que elle era seu tio, abraçaram-no e, momentos após, Pedro estava cercado de parentes e até de pretos da senzala, que o tinham visto quando creança. Logo após áquella manifestação, Pedro levantou-se e indagou do irmão qual era o destino de seus paes.

Tremulo, arquejante, com uma voz cavernosa, o senhor de engenho respondeu-lhe:

—Nossos paes já não existem; mamãe sabia de tudo o que fazias na Bahia e isto foi o sufficiente para acabar-lhe com a vida. Todos os dias ella, em suas orações, rogava á Virgem que te protegesse, e eu para consolal-a, dizia que não eram veridicas as noticias mandadas pelos teus amigos. Papae depois que perdeu a alma de nossa casa, transformou-se completamente: a neurasthenia que era a sua principal enfermidade, augmentara-lhe os sofrimentos; incutiu-se-lhe no espirito a mania de perseguição e um dia fui encontral-o moribundo, no fundo do quintal, com uma bala no craneo. A aproximação da morte foi tão violenta que elle empunhava ainda a arma homicida. Chámei o velho Cosme e fiz removel-o para o seu quarto de dormir e verifiquei que ainda vivia. Duas lagrimas rolaram pelo seu rosto pallido. Pediu-me então uma folha de papel e um lapis.

O irmão de Pedro, neste momento da narração, abre uma gaveta e tira um papel que lhe entregou.

Pedro reconhecendo a letra de seu velho pae, lê palavra por palavra e depois rasga o papel sem proferir uma só palavra.

Ha então um momento de silencio entre os dois irmãos que se oltavam estarrecidos.

Pedro levanta-se, ergue os braços para o tecto como quem supplica um ultimo perdão e cae estrondosamente sobre o solo. O irmão correu immediatamente com um liquido para ver se o salvava, entretanto, Pedro já tinha sido eliminado do numero dos vivos.

Estava morto!

Na occasião em que o irmão de Pedro fôra buscar o vidro com o liquido, a esposa do irmão, cunhada de Pedro, ouviu o doutor pronunciar estas palavras: «O amor é a vida, ou antes, a propria vida.»

Meu pae suicidou-se porque não podia existir sem a minha saudosa mãe, e eu morro tambem porque já não posso gozar as delicias de outr'ora; «uma mulher levou-me a perdi...ção!!!» (A. de Azeredo).

Estas foram as ultimas palavras do doutor Pedro.

\* \* \*

O filho mais velho do senhor de engenho, que era segunda edição bem melhorada do tio, abandonou as vãs chimeras e os sonhos da mocidade.

Desse dia em diante este respeitavel cavavelheiro só se preocupava com alguma aventura nocturna, passada dentro da sua fazenda.

Pensava se por acaso algum boi ladrão tinha penetrado nos seus canna viaes... e assim passara os seus dias.

Manéco.



João do Rio gastou 10 annos escrevendo a sua peça; e Coelho Netto escreveu a delle em um só jacto.



Na Avenida:

—Quem é esse tal de Pio Ottoni?

—E' o tal **tensor** taxou o drama «O Pae», de immoral...

—Ah!... basta. E uma bellissima recommendação.

---

Acha-se á venda: **ENTRA, SINHOR!...**

O sensacional romance de actualidades

Preço: 1\$500 \* Pelo correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C.— Rosario, 99

# O Riso.

## PANTHEON DOS

### «IMMORRIVEIS»...



Nem mesmo com o calor brutal que faz, resolvem os senhores *vates* dar-nos uma folgazinha, continuando a nos enviar suas admiráveis produções, buscando dest'arte conquistar um logarzinho no «Pantheon»...

Pois, fazemo-lhes a vontade e apresentamos aos leitores os tres *bardos* que se seguem :

### Desillusão

(A' S\*\*\*)

Quando eu te vi, mulher, da vez primeira,  
Foi tão grande o temor que então senti,  
Que, dessa vez primeira que te vi  
Tornou-se o coração uma fogueira

Onde a chamma do Amor, rubra, altaneira  
Crepitava, abraçando-se por ti  
Mulher, que por desgraça conheci,  
Suppondo me prender a vida inteira !

Mas foi simples capricho, devo dizel-o:  
Essa paixão abrazadora, em gelo  
Se transformou, como que por encanto!

E dizer-se que isto conseguiste  
Quando afinal um dia te cobriste  
Com o da falsidade-negro manto !»

J BARROS.

Então, *seu* Barros, logo á primeira vez que você *grelou* a tal *zinha*, teve o coração transformado numa «fogueira», hein? E que fogueira não seria essa, «onde a chamma do Amor, rubra, *altaneira*, crepitava» !...

Olhe, *seu* Barros, você devia ter aproveitado esse enorme fogaréu, deitando-lhe em cima umas castanhas para assar e para depois saboreal-as com um pouco de vinho verde. Si você fizesse isso, acredite, teria andado mais acertado, porque ao menos podia tomar um *pitêque* e talvez não fizesse um *soneto* tão reles.

Ah! mas você póde ficar certo que é um grande *talento*, *seu* Barros!...

Ahi tem o leitor agora o segundo *bardo*, também regularmente *talentado*...

## Quadras

Dizem que amar é ventura,  
Dizem que amar é viver,  
Mas, não, amar é loucura,  
Amar é apenas soffrer!

Aquelle que amar um dia  
Uma mulher com fervor,  
Perde de todo a alegria  
E soffre por esse amor!

Não ha mulher que mereça  
De um homem dedicação;  
Pois, embora não pareça,  
Fementidas toças são!»

BENEDICTO DE SOUZA.

Acha então você, *seu* Souza, que isso de se dedicar amor a uma mulher não passa de rematada tolice, não é verdade? E porque diz você isso, *seu* Souza? Dar-se-ha o caso de ser você adepto das *theorias Gouveianas*...

Ora, *seu* Souza, deixe de dizer asneiras e convenha que não ha nada melhor que o amor de uma mulher, mórmente quando essa mulher é daquellas de tentar o proprio padre Santo.

Por ahi já você avalia o valor dos conceitos expendidos nas suas «Quadras», que são, como se vê, *obra* de um grande *quadrado*...

Para fechar a *porteira* do «Pantheon» apresentamos agora o ultimo dos *Immorriveis* para hoje classificados. Eil-o :

### Divagando

Divago. O pensamento pelo espaço  
Percorre, enquanto eu quedo-me a fixar  
Num ponto vago, abstracto, o meu olhar,  
Ora muito brilhante e ora baço.

E enquanto o pensamento um longo traço  
Vae descrevendo além, fico a scismar  
Porque não posso eu, como o pensar,  
Outros mundos correr, a largo passo !

Volta, afinal, de novo o pensamento;  
Indago-lhe de prompto, num momento,  
Tudo o que vira na amplidão etherea.

E elle responde então:—«Por toda parte,  
Amigo meu, de Venus até Marte,  
Diferença não ha: tudo é miseria!»

EUGENIO ALVES.

Francamente, *seu* Alves, você é mesmo um...*genio* a fazer *bêrsos* e maior ainda a escrever burrices!

Então, o seu pensamento andou como um vagabundo qualquer, a divagar pelo espaço, e por fim trouxe-lhe essa grande novidade:— «que desde Venus até Marte é tudo uma miseria», hein?

Ah! *seu* Alves, *seu* Alves! que linda figura você faria nos varaes de uma carroça ou nos ditos de um *tilbury*!...

# O Riso.

## O leilão da patria

Quem quiser comprar terrenos  
Por bom preço em boas terras,  
Vende-se leguas e leguas:  
Ha montes, valles e serras.

Cheguem, que neste momento,  
Nas terras de Santa Cruz,  
Só não se vende as estrellas,  
Porque o seu dono é Jesus.

Tudo o mais aqui se vende  
Em real liquidação...  
Jamais houve em tempo algum,  
Assim, tão farto, um leilão!

Não ha branco nem ha preto  
Nos taes bilhetes da sorte  
Aqui são lotes do sul,  
Ali são leguas do norte.

Do norte até o Amazonas,  
Do sul até Matto-Grosso,  
Póde ali qualquer freguez  
Encontrar soberbo osso.

Não demorem que o negocio  
E' de pouca duração,  
Aproveitem que vendemos  
Toda em pezo esta nação.

Não tratamos de civismo,  
Só cuidamos dos «avanças»,  
Se não somos patriotas,  
Seremos patriopanças.

Deixemos o tal civismo,  
O nosso amor é o dinheiro,  
Eia, pois, não ha quem queira...  
Ainda ha solo brasileiro.

Isso de ser patriota,  
Não é nem póde ser serio.  
A vida está na miseria  
De quem vive sem criterio.

Se o velho tempo era bom,  
Passa-lhe a perna este novo,  
Se não ha no povo brio  
E' porque não temos povo.

Que nos importa essa grita,  
Essa celeuma imbecil,  
Que berra, porque vendemos  
As riquezas do Brazil?

Toca p'ra frente o martello.  
Inda temos muitas terras:  
Ha bosques, campos e prados,  
Além dos valles e serras.

**Edglobo.**

Nº 1 PONTA DE CORTIÇA

MATIMA  
EGYPCIOS

CIGARROS  
MARCA VEADO

Nº 2 PONTA DOURADA

\* \* Luxuozamente preparados para o Bello Sexo \* \*

# O PISO

## A preocupação

A linda e estonteante Margarida, filha da firma Magalhães, Bastos & Co. ou melhor: do sr. commendador José Belem de Magalhães, socio principal da referida firma, casara-se ali pelos seus vinte e poucos annos com o Sr. Manoel Bussaco da Costa, interessado da casa, que, bem depressa, graças á protecção do sogro, se estabeleceu por sua conta propria e se fez tambem commendador.

Ao fim de alguns annos, Bussaco abandonou a mulher, que, durante muitos longos mezes, curtiu a mais negra das... fomes conjugaes.

Margarida, muito timida e piedosa, começou a impressionar-se pelos homens que a cercavam, e, dentre estes, mais a impressionou o seu Zé, o chacareiro.

Seu Zé, era moço, forte e, se não tinha uma physionomia regular, tinha, entretanto, um longo olhar de melancolia e sonho vago.

A mulher do commendador Bussaco começou a olhal-o com mais interesse e, com mais interesse, começou examinar as couves, as cenouras e, sobretudo, os nabos do seu Zé.



Certa occasião, vendo bem que seu Zé não se decidia, Margarida levou-o sob qualquer pretexto para o quarto das ferramentas e lá recordaram a historia de Adão e Eva no paraizo.

Foram tão caiporas, que o commendador, contra os seus habitos, chegara mais cedo em casa e quasi os surpreendera em plena de-

gustação do fructo prohibido.

Margarida, após ter provado as caricias do seu Zé, ficou toda cheia d'elle. Havia no chacareiro, um quê de força cega e bruta, um quê de força de natureza que muito impressionou a sua fragilidade doentia de moça bem criada.

Voltou a encontrar-se com o Zé e o colloquio repetiu-se.

Por caiporismo, embora fosse em hora differente do encontro antecedente, o commendador chegou em casa e ainda pôde ver o fim do colloquio.

Bussaco nada disse, e a mulher tratou de mudar de hora para encontrar-se com o Zé.

Procurou o momento em que elle sahia de casa, mas, quando experimentou,

foi tão caipora que Bussaco, tendo esquecido qualquer coisa, voltou a surpreender a mulher.

Nada fez e, á tarde, por occasião do jantar, elle disse á mulher:

—Filha, tu não deixas o Zé trabalhar. E' a toda hora. Arranja isso melhor... Olha que lhe pago cem mil réis por mez...

**Hum.**



Elle — Si todas as mulheres ao apanhar uma pulga, fizessem como V. Ex., as pernas ficavam desvalorizadas.

Ella — Pois sim; fique em meu lugar e experimente uma picadura.



## ALBUM I SÉRIE

Linda e deslumbrante colleção de oito vistas dos mais bellos paizes da Conchinchina

PREÇO \$600 —o— PELO CORREIO 1\$000

Pedidos a A REIS & C.—R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803 —o— RIO DE JANEIRO

# O PISO

## Tome nota

Não havia na «Republica» um estudante que passasse a perna no Luiz, quarto annista de Engenharia. Moço, forte e bonito, gozava elle de todos as vantagens, e em todos os terrenos, principalmente no das conquistas amorosas. Os seus collegas invejavam-n'ó, e o Lulú, era este o seu appellido, orgulhoso da sua sorte e da supremacia entre todos elles, ia atravessando pela existencia philosophicamente desfructando a grande felicidade que a todo o momento o procurava.

Negocio em que se mettesse era certa a sua victoria.

Um desgosto só que fosse elle ainda não conhecia.

Tudo lhe corria á medida dos seus desejos. Relativamente ao que se diz namoro, então é que a coisa era magnifica. Mulher casada, solteira ou viuva nenhuma, repito, lhe escapava. Era ali no toco. Elle até já nem tinha a conta das mulheres que conquistava.

Mas, o engraçado de tudo isso é que o Lulú tinha uma mania, a qual consistia em tomar nota, do quanto lhe succedia, em um caderno que elle trazia no bolso.

Era uma especie de registro, ou por outro, era um livro de occurrencias. Um namoro novo que elle encetava, bumba, lá ia para o tal caderno com o dia, a hora, o momento, o local, o nome da moça, a origem do «beguin» e finalmente a victoria. Ora, o livrinho já estava quasi cheio de apontamentos. A sua intenção, elle dissera muitas vezes, era fazer daquillo um romance com o pomposo titulo de— «Notas e Aventuras», de que esperava tirar grande partido do successo que certamente o seu «registro» iria fazer nas rodas litterarias.

Ultimamente o nosso heroe andava embeaçado por uma senhora casada com um funcionario publico e que residia na mesma zona da «Republica».

O Lulú desde o dia em que puzera os olhos em cima do perfil seductor dessa senhora, dissera com os seus botões:

—O! Que bello pirão! Mãos a obra, seu Lulú. E' preciso conquistal-a. Si tantas tem cahido, essa naturalmente ha de cahir tambem. E porque não! commigo é ahí no duro.

Os rapazes, seus companheiros já tinham descoberto a nova preocupação do collega amoroso. Um delles ainda disse:

—Olha, Lulú, a senhora é casada, e



você fazendo o seu «pé de alferes» p'ra o lado della a coisa póde sair «preta». Abre os olhos, e depois não te queixes de que te obrigaram a cantar de gallo.

Até mesmo o vendeiro da esquina o Jé da Rolha dizia sempre ao Lulú quando este ia contar-lhe as suas façanhas:

—Bosmecê, beja lá, *sôr* Lulú, este nugocio agora é um bucadito arriscado. A cachopa tem marido, e assim, em vez de bosmecê tomare nota no seu caderno, toma mas é pau no lombo. Abra o olho! Estais a oubire?

E o Lulú respondia:

—Qual, *seu* Zé, cá commigo a coisa fia mais fino.

Afinal de contas chegou o dia em que resolveu dar o tiro de honra na batalha que iniciara, escrevendo á senhora do funcionario o seguinte bilhete:

—«Exma., a minha paixão por S. Exa. não tem limites. Imploro-vos uma entrevista para que seja logo decidida a minha sorte. Defronte da vossa casa esperarei humilde a vossa resposta.—L.»

Ao receber este bilhete a senhora ficou indignada, mas, de repente, lem-

# O Piso

brou-se de pregar uma peça ao Lulú, por isso respondeu desta forma:

— Senhor, eu também vos amo. Vinde as 11 horas do dia. Meu marido a esse tempo estará na Repartição.

— O' ferro! exclamou o Lulú, lendo a resposta.

No dia seguinte, pela manhã, o funcionario, brincando com a esposa, disse-lhe:

— Quem falar hoje em chave primeiro, dará um presente.

E a esposa, sorrindo, concordou:

— Bem. Vamos ver.

Depois do almoço o empregado publico foi para a sua repartição, e mal tinha passado uma hora quando bateram á porta.

Era o nosso conquistador que aliás teve uma recepção alegre por parte da senhora que o convidou a entrar para a sala de visitas. Estavam conversando animadamente, principalmente o futuro engenheiro, que já ia dobrando o joelho para cahir em terra, afim de nessa posição dramatica, fazer á senhora sua declaração de amor, quando bateram de novo á porta. Não houve tempo a perder, e a senhora, embora mesmo assustada, tratou de esconder o seu namorado dentro de um grande armario e foi abrir a porta.

Era o seu esposo que esquecera em casa um certo papel. Aproveitando a occasião, pediu a sua esposa uma chicara de café. Sentados á mesa tomando o seu cafésinho, a esposa ao seu lado, contou-lhe o que se segue:

— Sabes, aquelle estudante das notas, esteve hoje aqui?

— Que é que elle queria?

— Convidou-me para ir com elle ao Leme.

Que! exclamou o marido bufando de raiva.

— Sim, e além do convite disse uma porção de asneiras: que me amava; que me adorava...

— E você porque não mandou chamar a policia para prendel-o?

— Porque não necessitei. Sósinha eu lhe dei um castigo tremendo.

— Como? De que forma?

— Trancando-o naquelle armario. . . disse ella apontando para o grande movel que ficava ao lado da mesa.

— Então, disse o marido levantando-se, sacando do revolver e dirigindo-se em direcção ao armario: eu vou matal-o já e já. Dá-me a chave. Este miseravel não me escapará.

— Qual miseravel, nem nada. Quem

não escapará é você de trazer hoje a tarde o meu presente.

— Que significa isso?

— Significa que você perdeu, porque fallou em chave.

— O'! que susto me pregaste.

Está bem, está bem, disse o esposo alegrando a physionomia.

Depois desta scena engraçada, quando o marido sahiu, ella foi abrir o armario para dar liberdade ao *brilhante* conquistador que estava num estado desesperador, porque além de ter no rosto a pallidez da morte, as suas calças estavam em petição de miseria. A mulher do funcionario recuou, levando ao nariz o seu lençinho perfuniado e disse-lhe:

— Póde sahir.

O pobre Lulú desceu e, cambaleante, foi andando. Quando ia já a sahir da casa, a senhora que se achava já nessa occasião na janella, aconselhou-lhe sorrindo:

— Olhe, seu Lulú, tome nota disto no seu caderno.

## Esculhambofe.



*A gorda*— Imagina tu, minha amiga, a pobre pebuena viu-se atrapalhada com uma cobra deste tamanho, olha...

*A magra*— Cruzes! nem quero ver; eu também já me vi atrapalhada com uma assim sei perfeitamente o que é uma picadura dessas!



## COMICHÕES

E' este o titulo de um pittoresco livrinho contando coisas do «Arco da Velha» e todo illustrado com soberbas e nitidas gravuras.

PREÇO \$800 (o) PELO CORREIO 1\$200  
Pedidos a A REIS & C.—R. DO R' SARIO, 99  
Telep. 9803 )—( RIO DE JANEIRO



## O "Futuro"

O Fulgencio era um roceiro muito precavido. Cauteloso e methodico como elle era, tudo lhe corria ás mil maravilhas.

A sua unica familia era uma filha que a esposa lhe deixara ainda pequenina, para servir de consolo ao coração do esposo que enviudara uns annos depois do seu casamento.

Era a personificação da innocencia essa menina, de nome Conceição, hoje já com os seus 17 annos.

Ora, o *seu* Fulgencio não dava um passo sem que primeiro não calculasse logo as consequencias ou as vantagens.

Um dia, tendo elle de fazer uma viagem que o obrigava a ficar ausente de casa uns 15 dias, chamou a filha e disse-lhe: Olha, minha filha, eu vou fazer uma viagem, e certamente só voltarei daqui a uns 15 dias. Toma cuidado na casa.

—Sim, senhor, meu pae, mas o senhor não se demore. Volte logo que possa.

—Não ha duvida, filha... Mas, veja lá, toma cuidado com a casa e contigo principalmente. Não facilites com as cantigas do mundo. Pensa no futuro, é só o que eu te digo.

Emquanto o velho dava o conselho á filha, prevenindo-a das miserias humanas, que não se illudisse com as conversas fiadas de tantos seductores malvados que campeiam pela terra, um malandro escovado que ia passando nessa occasião pela porta da casa, ouviu perfeitamente os conselhos que o roceiro estava dando a sua filha, e então, resolveu, naturalmente por ter concebido algum plano naquelle momento, esperar a sahida do *seu* Fulgencio, para tirar partido da conversa que ouvira entre pae e filha, com o plano que concebera e que ia por em execução.

Quando o velho vinha em direcção á porta para sahir o intruso tratou de procurar um escondrijo atraz do tronco de um cajazeiro que ficava ao lado esquerdo da casa em questão.

O *seu* Fulgencio, ao sahir, ainda disse, abraçando e beijando a filha:

—Não esqueças os meus conselhos. Tudo que nos pertence é do futuro. Só

nelle é que deves confiar. Que Deus te resguarde dos «maus olhados»

—Dito isto, elle montou no seu fogoso alazão chamado «Penteado», e acenando o ultimo adeus dirigiu-se, num trote cadenciado, pela estrada em fóra.

Conceição assim que viu o vulto de seu pae desaparecer na curva do caminho, fechou á porta e voltou para o interior da casa.

Passada uma meia hora mais ou menos, bateram a porta:

—Pois não me conhece, D. Conceição?

—Não. Quem é o senhor?!

—O'! filha! aquelle em quem deves confiar. Sou o «Futuro», o protector das donzellas».

—Está bem. Já sei. Espera um pouco. Eu vou abrir a porta.

Minutos depois o tal «Futuro» estava enchendo a barriga com um magnifico jantar regado com o melhor vinho que havia na casa do honrado roceiro. Era o sujeito que escutava á porta que, deste modo, ia realisando o que idealisara. Assim que satisfez o seu grande appetite, exigiu da moça todo o dinheiro e joias que ella possuísse, pois, com isso, dizia elle, é que eu vou preparar a sua felicidade.

Sim, senhor, eu dou tudo o que o senhor quizer—disse ella.

E elle, aproveitando a maré das concessões, impoz ainda mais:

—Eu durmo contigo, para escutar no teu corpo o segredo da ventura, ouviu?

—Sim, senhor, respondeu ella.

No dia seguinte, pela manhã, o sujeito despediu-se e lá se foi, levando o dinheiro, as joias, tudo, tudo da casa do *seu* Fulgencio, até a propria «honra» da filha.

Dahi a quinze dias o velho chegou e a filha contou o que se passou com ella e o tal «Futuro», omitindo, porém, o negocio da dormida.

O *seu* Fulgencio ficou damnado, zangou-se com a filha que se deixou enganar por um gatuno. Houve o diabo, mas afinal o velho reflectindo, achou que a filha não tinha culpa. Culpado era elle que não explicou as coisas com os pontos nos *ii*.

Acha-se á venda o

ALBUM IV SERIE

PREÇO : 1\$000

PELO CORREIO : 1\$500

Pedidos a A. Reis & C.—Rosario, 99

# O PISO

Serenada a questão, entrou outra vez na casa a paz e a harmonia.

Já são passados quatro mezes, quando Conceição cahe doente. O pae fica assustado, monta a cavallo e vae chamar o medico; este chega e examina a enferma. O Fulgencio está cá fóra na sala, ancioso, a espera do resultado do exame, quando o Dr. vem direito a elle, furioso:

— Quem foi que disse ao senhor que eu era parteira? Ora, incommodar-me para ver uma mulher gravida; A doença da sua filha é gravidez.

— Que! Dr. ! minha filha!

Sim, senhor, é o que lhe digo, Assim que o medico sahiu, o velho foi ao quarto da filha:

— Então, minha filha, é certo o que o medico acaba de dizer?

— E' verdade, sim, senhor.

Como? Affirmas então que...

— Fazem quatro mezes e dias...

— Oh! filha ingrata e miseravel!

Perdoe-me, meu pae.

— Quem foi este seductor? Anda, diz, quem foi o infame que maculou o meu lar. O nome do bandido, diz... Quem foi elle?

E a pobre moça, trembla, assustada, ante a colera do seu velho pae, respondeu:

— Foi o «Futuro», meu pae.

**H'sculhambofe.**



Entre *elles*:

— Olá, Manél! Que bem a ser essa questão dos balcões?

— Dos balcões, não! E' questão dos balcões. Os turcos querem-n'os de madeira e os outros de pedra marmor. E' isto.

## O primeiro passo

A Luiza era empregada na Fabrica de Tecidos de..., num dos mais pittorescos arrabaldes do Rio de Janeiro.

Quando chegou ahí pelos 16 annos, os seios começaram a entumecer-se provocadoramente e toda ella ganhou uma belleza de estontear.

Era muito sua amiga a collega Irene, que, ao contrario de Luiza, era bem feia-sinha.

Moravam nos arredores e ambas sahiam juntas, quando acabavam de trabalhar.

Certa vez, encontraram á sabida, uma velha, mettida numas roupas pretas curradas e num não menos surrado chale, que lhes disse:

Minhas netinhas, tenham pena da velha... Deem-me uma esmola.

Ellas duas, condoidas da pobre velha, procuraram um nickel e deram á velhinha.

A velhinha desmanchou-se em agradecimentos, dizendo:

— Ah! minhas filhas! Esta vida é assim mesmo. Quando fui moça e bonita como vocês, não soffria necessidades. Nunca trabalhei e nunca me faltou nada.

Então era rica? perguntou uma dellas.

— Qual rica! Quando se é moça e bella, os homens dão tudo. Se eu fosse vocês, não vê que trabalhava! Qual! Uma óva!



A velha, ao dizer todas essas coisas, ia endireitando-se e perdendo o ar de mendiga.

Irene, percebendo do que se tratava, e feia como era, obrigou a amiga a afastar-se daquela sereia velha e continuar no caminho da honestidade.

Passaram-se dias, mezes, e a velha, de quando em quando, cortava o passo das duas moças e repetia a canção:

Como vocês são tolas! Moças, bonitas, trabalhem que nem mours e voltarem para casa, assim, com os cabelos cheios de fios... Ha tanta coisa bella na vida e era tão facil vocês obterem-na!

Mas, sempre, Irene obrigava a amiga a fugir da tentação e a velha ficava sem acção, mas não desanimava.

Um dia, em que Irene adoecera, vinha Luiza só, quando a velha lhe cortou os passos:

— Minha filha, então você não quer fazer a sua independencia? Não quer ter joias, carros, tapetes, vestidos? Não quer?

— Queria...

Então porque você não se decide?

— Luiza pensou e acudiu:

Queria, mas... mas o primeiro passo custa muito.

A velha respondeu de um hausto

Qual! Não custa nada, ao contrario: é o que rende mais.

**Xim.**



## VARIAÇÕES D'AMOR

Interessantissimo conjuncto de aventuras passadas em familia.

Ornam esse estimulante livrinho, caprichosas gravuras tiradas do natural.

PREÇO 800 JOZ DELO CORRBIO 13200

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

# O Riso

## Bellezas de hortaliça

A colheita tem sido abundante. Não abrimos um jornal que logo não se nos deparem coisas magnificas, repolhos rochunchudos, cenouras bem criadas e outros especimens magnificos da horta que andamos cultivando.

Temos aqui esta que veio na «A Epocha» do dia 8 do corrente, na tal columna operaria, que é o «canteiro» mais productivo da nossa horta.

Leiam :

*“Um outro Eclipse que, apparecendo justamente no momento preciso vem radiante com os seus raios de luz mostrar a todos nossos companheiros o caminho a seguir”.*

Olá, seu homem ! Que é que você entende por eclipse ?

Onde é que você viu eclipse com raios de luz ? Pois uma coisa que toda a gente sabe o que é, você não sabe ?

Como é que você tem de coisa tão commum, idéa diametralmente opposta ?

Vá... Vá para o Congresso... policial.

Continuemos. Cá temos uma abobora bem madura. Leiam no «Correio da Manhã», primeira pagina, pé da primeira columna, com a assignatura do sr. B. Vianna Junior, na edição de 10 do corrente, a seguinte belleza :

*“Em que Miguel Angelo elevou a cupula de S. Pedro, que serve de pharol diurno aos navegantes do mar Tyrrheno”.*

Não ha duvida alguma que este sr. Vianna enxeiga. Toda a gente sabe que o sr. Vianna quer referir-se á igreja de S. Pedro de Roma, cidade essa que fica a algumas dezenas de kilometros do mar, entretanto o sr. Vianna diz que os navegadores do Thyrrheno a têm como pharol diurno. Pondo de parte tão ousada metaphora, é caso de perguntar ao sr. Vianna porque não pedé um pouco de vista a taes navegadores. Si o fizesse, é bem de crer que elle avistaria daqui o Itatiaya.

Adiante. Folheemos o «Jornal do Commercio» de 10 do andante, edição da manhã e leiamos no artigo — «Industria Siderurgica», este pedacinho de ouro :

*“O paiz que abre mão de suas jazidas, em vez de se servir dellas, para forçar o industrial estrangeiro a trazer para seus fornos seus operarios e seus capitaes, pôde, como qualquer rei-sol, ou melhor, como qualquer rei-lua, exclamar : après moi le déluge.”*

Não ha duvida que o autor disso entende de ferro, mas no que toca á humanidade é um desnaturado.

Pois não é que o homem quer que o industrial estrangeiro traga para os fornos, os operarios ?

Já é crueldade ! Transformar gente em carvão, isso não lembrava nem aos turcos.

Não fica só nisso a coisa. O homem é deshumano e, além disso, não sabe historia.

Meu caro homem: rei-sol era Luiz XIV e quem disse — *après moi...* — foi Luiz XV. Ha alguma differença...

Basta, por hoje !

## Hortelão



—Si tivesses seguldo o meu conselho e tomasses umas injecções de *Mucusan*, não estarias agora a contorcer-te em dores. Com esses *esfriamentos* a gente não pôde facilitar...



## O CHAMISCO

ou

### O QUERIDO DAS MULHEES

O *nec plus ultra* da literatura brejeira. De sopilante historia de um conquistador irresistivel. Este bello livrinho contem cinco nitidas gravuras.

PREÇO 1\$500—o—PELO CORREIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803—o—RIO DE JANEIRO

# O PISO

## FILMS... COLORIDOS



Disseram-nos que o Ayres não foi desta vez, tal como da outra, postar-se de relógio em punho no caes Pharoux, á espera que o «Cordão» voltasse do *pic-nic* da ilha do Engenho, nem tão pouco pouco foi, no dia seguinte, saber si a Angelina 606 havia ido em companhia do *fiscal de*

*vehiculos...*

Assim foi muito melhor, porque ao menos desta vez não cahiu no ridiculo.

—Pedindo todo o segredo sobre o assumpto, disse-nos o Franklin que a sua collega Pepa esteve fazendo *ponto* um destes dias no seu camarim, a portas fechadas...

E... como é segredo, não dizemos nada.

—Disse-nos o Natal Kiosqueiro, que depois que o Orestes entrou para o conjuncto do Rio Branco, a caixa d'aquelle *theatro refrescou* mais, prejudicando a elle, Natal, que por esse motivo vende menos *cerveja...*

Livra! que má lingua!

—Enviaram-nos a quadra abaixo, achada na caixa do S. José, e assignada J. M. Transcrevemol-a *ipsis verbis*:

«Todo o pancada é maluco  
Todo o louco tem mania,  
Por isso não me incommodo  
Com as «fitas» da *canja fria.*»

E agora perguntamos nós: com quem se entenderá isto?

Consta-nos que vae haver brevemente uma valente *degola* pelo Rio Branco.

Que se preparem os *grandes e... exigentes arrrtistas...*

—Vamos requerer um *Habeas-corpus* preventivo por causa da ameaça que nos fez a Rosa Bocca de Sopa, do S. Pedro, de nos mandar prender por causa da ultima nota que a seu respeito publicamos.

Quem nos preveniu disto foi a Palmyra Pilha Electrica, a quem agradecemos o aviso.

—Informaram-nos que o Ayres anda agora a ver se consegue fazer-se *commendador*, graças a uma *commendadora* que actualmente conquista.

Cuidado com a Angelina, *seu commissario*!...

Disse-nos a Trindade Zaz-Traz que a Luiza Lopes está doidinha por amarrar a lata no Vianninha, por causa do antigo preferido, que anda agora a fazer suas *fosquinhas* novamente...

Mas que pessoal fiteiro!

—Contou-nos a Antonietta Olga que a sua collega Pepa está falando muito bem o hespanhol, graças ás lições que tem recebido num *jardim...*

Acreditamos como... *se fuera verdad...*

## Operador.

Um *chauffeur* acaba de esmagar um pobre diabo e, após a respectiva fuga, para em logar seguro e vae examinar o automovel.

—Diabo de typo! Não é que quasi me escangalha a machina!



Na Valery:

—Que bello perfume tens?

—E' *Peau d'Espagne*.

—Da Espanha! Julguei que tu fosses franceza.



—Papae, porque o sr. Roberto, que é tão bonito, não é tambem meu papae? O pae *distrahido* responde:

—Quem sabe lá!

Já está á venda

O CHAMISCO  
OU  
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correlo 2\$000

# O Riso

## BASTIDORES



aliás occupava com dignidade, criterio e competencia.

Está agora como quer, o *consagrado escriptor*... mas, queira Deus que se não venha a arrepender...

—O' Raul Soares, olha que se a Zázá descobre a morosca... afoga-te numa tina e ninguem te vale...

—Tão pavaroso foi o «typo» arranjado pelo Lino, para o capitão do «Gato Preto», que até a cadellinha da Beatriz Mattos se mijou de medo!...

—Disseram-nos que a actriz V Santos tem idéa de cavar um novo Gouveia em S. Paulo...

E é bem capaz disso, olá si é!

—Disse-nos o Veiga que ha dentro da caixa do S. Pedro uma casa de fructas denominada «A Italiana».

Que tem o Veiga com isso? Deixe a mulherzinha viver.

—Contou-nos a Maria Amelia Pequena, do Apollo, que a sua collega Constança chucou umas *castanhas* que lhe deu o Barros, por causa dos ciumes desta com a Augusta.

Mas a verdade é que a Constança tem razão para desconfiar...

—Bem que a Maria Amor Sem Olhos se viu atrapalhada com os cordões do *pyjama*, na ilha do Engenho...

—A Assumpção ficou terminantemente prohibida de lhe falar, porque elle poz-se duro como uma *rocha*...

—Disse-nos o Mario Brandão que a Adelia Fraldiqueira está toda contente por ter recebido um telegramma de Alagôas... Coitadinha! S. Pedro lhe valha...

Ha días, perguntou um gajo a outro:—Que tal a *nova* peça do *ponto* Celestino?

Tanto andou o *ponto* Celestino Silva a *chaleirar* o Paschoal e o *coronel*, a ver se conseguia o logar de director de scena e ensaiador do *mambembe* da «Rua dos Condes», que afinal, com as suas insinuações e intriguinhas, fez com que o actor Nazareth, enojado com tanta miseria, resignasse aquelle cargo, que

Ao que o interlocutor responden com muita graça:—Ah! é uma boa *peça*... pregada ao publico!...

—Mas que culpa têm as taboas do palco com a falta de voz da sra. Emma de Souza, não nos dirão?

—Damos um doce a quem nos disser o que foi a menina Julia de Oliveira fazer ao matto, por occasião do ultimo *pic-nic* na ilha do Engenho...

—Afinal, depois da *tourada* havida entre o Costa e o Souza por sua causa, a Candida Pauliteira resolveu, para evitar *scenas* identicas, ser agradável a ambos ao mesmo tempo...

Ha de ser muito engraçado o encontro da Marietta com o Antonico Le Bargy, em S. Paulo!

Queira Deus que o Lagos não tenha de ficar outra vez a chuchar no dedo...

—Mas que linda *fitá* aquella da Fróesinha, por causa do Ramos, no Municipal!

Ai, amor, a quanto obrigas!...

—Disse-nos o galã Palmeira que o seu collega Vasques Parasita foi munido de uns frascos de *Mucusan*, para S. Paulo, por causa das duvidas.

Faz muito bem; pôde apanhar por lá algum *esfriamento*.

—Pelo que nos contou o Lino dos Typos, ficamos sabendo que a actriz Emma de Souza vae pedir augmento de ordenado, para fazer face á despesa do café e das pastilhas que o tenor Carvalho lhe fila todas as noites...

—O Leonardo Fiteiro jurou que, tal como aqui, não havia de comprar cigarros em S. Paulo...

Pois sim! por lá fía mais fino e o Fiteiro ha de mesmo compral-os si quizer fumar!

—Disseram-nos quo o Mario Brandão tambem anda com vontade de se *banhar* numa *tina* .. Será verdade?

Que diz a isto o Raul?

—Mas como é engraçado o Justinio Marques!...

Quando conseguirá elle fazer rir os espectadores?

**Formigão.**



**Au Bijou de la Mode** — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



# SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

**VICTORIEN DU SAUSSAY**

CAPITULO VI

Os meus beijos tornaram-se mais ardentes. Jurei-lhe que não tornaria, fiz-lhe juramentos de eterna paixão, acariciei-a, procurei afastar a lembrança da bofetada com palavras meigas e caricias ternas a que eu sabia ella não resistiria.

Carinhosamente, tirei-lhe o chapéo ; não se oppoz.

Admirava-me a sua docilidade.

E levei-a para o leito onde o outro dormiu, e possuí-a com frenesi.

Passados momentos, surpreendi-a a olhar-me para os braços, para as mãos, e, de subito, exclamou ;

— Amas-me então muito ? E' bem verdade ?

Perguntei a mim mesmo naquelle momento, se o segredo do amor não estará por completo numa correcção, mesmo brutal, dada a tempo.

Em todas as cousas, tudo está no começo. Porque a primeira bofetada fosse expressiva, segundo os meus votos, houve outras a seguir e até por motivos futuros.

Assim como tomei o habito de bater na minha querida amante, do mesmo modo ella se acostumou a que eu lhe batesse.

Só a primeira bofetada que eu lhe dera, depois de aturada reflexão, fôra uma tentativa extraordinariamente dolorosa para mim. Porque, afinal, estou certo de não ter nenhum desses instinctos de bruto que tanto odeio em certos homens ; ao contrario, tenho a paciencia e a meiga ternura dos voluptuosos, que consideram a mulher amada como uma flor fragil, e pensava que só com carinhos se podia conservar uma mulher amante.

Marcella, todavia, fez mentir a minha bondade instinctiva. Logo que viu em mim o individuo physicamente forte, decidido a castigar os ultrages, resolvido a não recuar perante a execução de qualquer brutalidade, tornou-se muito meiga, muito gentil, infinitamente submissa.

Amava-me com essa passividade medrosa dos cães que foram maltratados muitas vezes, com ou sem razão, e que estendem o pescoço, com a mesma inquietação, quer tenham de receber uma sova ou um affago.

Com effeito, surprehendia Marcella sempre attenta, sempre tremula, sem ter nunca a certeza do que lhe estava reservado, como se sentisse culpada de uma falta que eu poderia descobrir, mas que ella propria ignoraria.

Apesar de ter a certeza de a haver reconquistado, não era feliz.

Um dia, declarei-lhe que não queria de modo algum que parecesse estar sempre com medo. O seu rosto assustado, receioso, acaba por me obsediar e eu proprio surprehendia em mim, por vezes, um furor terrivel. Como Marcella tinha medo que eu lhe batesse, sentia desejos de o fazer

Todo o verão decorreu monotono, sem as esperadas alegrias do começo da nossa ligação, e durante mezes, até meados do outomno, não houve a minima alteração na nossa vida. Os nossos dias estavam muito bem preenchidos, Levantavamo-nos cedo e, até aos meio dia, corriamos pelas estradas, atravez dos bosques, vendo sempre, sem nos cançarmos, os mesmos sitios sob diferentes aspectos, as horas quentes do dia, passavam-se em casa, lendo, escrevendo ; Marcella inspecionava as suas toilettes, entretinha-se em trabalhos de costura ; havia, como eu, mandado vir de Paris, grandes malas com roupas e vestidos, e como não tinhamos creados, forçoso nos era cuidar das nossas coisas ; estes pequenos serviços foram-nos devéras uteis, porque nos isolavam um pouco, ao mesmo tempo que nos occupavam.

(Continúa.)



## A SAÚDE DA MULHER



## O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, MAIS DE 400 MEDICOS atestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

## A Saúde da zzz Mulher zzz

é o regulador do utero: facilita as regras, atenúa as colicas, combate as hemorragias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da idade

critica.